O amor depois do amanhã  
  
Como serão o amor, o sexo e nossas emoções no futuro? Se usarmos como referencial de partida o cenário atual da vida afetiva das pessoas e traçarmos uma reta a partir dele, é possível fazer algumas inferências sobre os destinos do nosso coração. Mas é bom avisar, logo de saída, que essa reta pode se transformar em uma curva de trajetos incertos, que derrubarão todas as nossas previsões por terra.  
  
Se existe uma tendência que se desenha hoje, e que deve ficar muito mais clara no futuro, ela é a heterogeneidade dos comportamentos na esfera amorosa e sexual. Vamos assistir à convivência, às vezes pacífica, outras vezes traumática, das mais diversas possibilidades de encontros e desejos.  
  
Vamos começar pelo mais óbvio e talvez mais contraditório: o sexo. Assim, se hoje ele começa cada vez mais cedo na vida da maioria dos jovens, outros esperam por um casamento para iniciar sua vida sexual. Essa é uma tendência que deve se manter no futuro. O limite de 13 a 15 anos deve se estabilizar como ponto de partida para a maior parte dos mais novos. O início, que hoje chega antes para os garotos, deve se tornar parecido entre os dois gêneros. As garotas devem se aproximar dos garotos, também, no número de experiências com diferentes parceiros. Na contramão desse movimento, o crescimento das religiões e de movimentos mais conservadores deve ganhar espaço entre os jovens, muitos dos quais vão constituir um grupo que pretende esperar uma relação mais “sacramentada” para começar a fazer sexo.  
  
No campo dos relacionamentos estáveis, eles devem continuar a ser a meta ou o sonho para a maior parte da população (casando “no papel” ou não). Mas haverá mais espaço e reconhecimento para as pessoas que decidirem fazer uma caminhada mais individual (em uma fase ou por toda a vida). Mas essas relações serão estáveis “até que a morte os separe”? Provavelmente, uma parcela menor delas! O nosso amor anda mais pragmático, não? Hoje, no Brasil, se admite que uma em cada quatro relações estáveis termine antes dos dez anos de convivência. Em países desenvolvidos, essa taxa gira ainda mais rápido, com cerca de uma em cada três relações terminando antes de uma década. Como consequência, teremos o que se chama de monogamias seriadas, ou seja, uma pessoa deve ter, em média, três a quatro relações mais estáveis ao longo de sua vida. Na esteira dos avanços e da força feminina na sociedade, no mercado de trabalho e na gerência das suas vidas e das de suas famílias, não vai ser um casamento de fachada ou de conveniência que vai segurar essa mulher contemporânea em uma relação que não dá mais certo! A ideia vai ser sempre tentar outra vez. Que seja eterno enquanto dure! E esse maior movimento dá combustível para uma série de novos modelos e configurações de famílias.  
  
Se as monogamias (seriadas ou não) devem continuar a valer para a maior parte das pessoas, o que pensar da poligamia ou dos outros arranjos cada vez mais complexos (trisais, relações abertas, poliamor, entre outros) que despontam no horizonte? Deve haver também uma dilatação de espaços para essas outras modalidades de se relacionar. A coexistência dos diferentes formatos deve dar a tônica dos amores e dos afetos no futuro. E, com uma redução dos preconceitos, uma certa mobilidade de um jeito de relacionar para outro deve atrair mais gente.  
  
E por falar em variações, o que pensar dos relacionamentos de orientação homo ou bissexual? Se, hoje, eles são muito mais visíveis e se a sociedade se relaciona com suas minorias de um modo mais tranquilo, essa tendência deve ganhar ainda mais fôlego no futuro. Será uma realidade bem mais natural. Se hoje, jovens casais de meninos ou meninas passeiam de mãos dadas em ruas e shoppings das grandes cidades, sem que isso provoque grandes comoções, esse fenômeno deve ganhar escala. Isso não significa ausência de problemas e confrontos. E é por isso que uma educação inclusiva, que trabalhe e discuta desde muito cedo diversidade e gênero nas escolas, deve ser protagonista nas salas de aula do país. E isso não tem nada a ver com a imposição de uma “ideologia de gênero”, como reclamam algumas vozes conservadoras desinformadas. Ninguém “vira” gay ou bi porque discute direitos iguais. Bobagem das grandes! A educação simplesmente garante voz e espaço para todos, vida mais feliz e menos conflitos no horizonte. Que ela seja garantida no futuro!  
  
Outro grupo que vencerá estigmas e ganhará mais respiro na sociedade será o dos transgêneros. Eles e elas, que se percebem incongruentes com seu sexo biológico, vão conseguir ter acesso mais facilitado aos recursos e direitos para tentar se aproximar da sua real identidade. No futuro, vai ser muito mais natural (e garantido por lei) o direito de trocar nome e gênero nos mais variados documentos. Vagas nas faculdades e universidades do país e o mercado de trabalho mais diverso garantirão, assim, um futuro mais justo, distante de um passado recente em que os únicos caminhos possíveis para essas pessoas se restringiam aos salões de beleza ou à vida nas ruas. Não que esses espaços sejam piores ou melhores que outros, mas haverá oportunidades de escolha. E escolher o que desejamos para nossas vidas é um direito que todos devemos ter.  
  
E quem está no meio do caminho na questão da orientação ou de gênero? Quem se identifica, por exemplo, como bissexual ou, ainda, como *gender fluid* (em livre tradução, gênero fluido), oscilando entre um polo e outro? Como já anunciavam os precursores dos estudos da sexualidade humana na metade do século passado, muito mais do que duas ou três caixinhas que não dão conta de definir quem somos, a sexualidade humana pode e deve ser entendida como um contínuo, com todas as nuances e variações possíveis. No final das contas, trataremos prioritariamente de indivíduos, e não de rótulos arbitrários.  
  
Para terminar, não poderia deixar de falar dos impactos ainda maiores que as tecnologias terão nos relacionamentos humanos. Hoje, mais gente se conhece nos aplicativos, salas de bate-papo, sites de encontro e redes sociais. Essa é uma tendência que deve ganhar volume maior de adeptos no futuro. Devem ser cada vez mais raros os relacionamentos afetivos e sexuais que não vão nascer, crescer ou morrer nas diversas redes de comunicação. O wi-fi e os 4Gs vão ser os verdadeiros padrinhos do amanhã. O maior exercício será aprender como lidar com inseguranças, incertezas, ciúmes e traições em um espaço que tende ao infinito. Será que esse amor mais líquido, mais fluido, mais seriado, já não é o grande ensaio para o amanhã? Pode ser que sim, pode ser que não. Qual seria a sua previsão?  
  
Jairo Bouer está pensando muito sobre essas ideias nesse balanço afetivo que todos fazemos nessa virada de ano. Já fez o seu? Feliz 2017:-)